

## INTERLOCUÇÕES DE RESISTÊNCIA HUMANIZADORAS

Dagmar Mello e Silva,  
Erika Souza Leme,  
Nazareth Salutto,  
Rejany dos S. Dominick,  
Walcéa Barreto Alves

Damos início a essa conversa buscando, no passado, elementos para apresentarmos a proposta do presente dossiê: ***Caminhos para a inclusão: tecnologia, inovação e interculturalidade***. Como ponto de partida para a apresentação deste novo número, elegemos o ano de 1968, por ter sido um tempo da história atravessado por três eventos que nos ajudam a pensar os desdobramentos nas lutas e resistências políticas do presente, para uma sociedade inclusiva. Esse retorno ao passado nos remete ao ***Maio de 1968*** na França, a ***Primavera de Praga*** e ao ***A15*** - Ato Institucional número V - decretado pela Ditadura Militar Brasileira.

Estes marcos históricos nos soam como alegorias que cumprem um importante papel político e pedagógico no presente, pois muitas das práticas e demandas sociais daquele tempo remoto, ainda reverberam nos dias atuais. Basta abrirmos nossas escutas para as “palavras de ordem” que a juventude dos anos 60, levaram para as ruas - ***“Faça amor e repita!”***, ***“Viver sem tempos mortos!”***, ***“amai-vos uns sobre os outros”*** – esta última fazendo alusão a processos moralizantes, que vão ao encontro de ideais dogmáticos colonizadores, que tentam oprimir e excluir aqueles que não se submetem a seus princípios fundamentalistas.

O leitor pode se perguntar o que essas palavras proferidas há tanto tempo, teriam em comum com a proposta do dossiê dessa revista e te responderemos dizendo que, em tempos de pulsões de morte e das investidas necropolíticas dos nossos governos, evocar a presença de *Eros*, nunca foi tão necessário para a afirmação da vida.

Enquanto o A15 representou um dos lados mais sombrios do fascismo, aquele que nega a diferença, desprezando as múltiplas formas de existência em suas livres expressões, o Maio de 68 e a Primavera de Praga podem simbolizar que sempre é tempo de reinventar a política e, por conseguinte, a vida. Se em 1968 o mundo assistia uma revolução dos costumes, o levante das minorias oprimidas e o direito à livre expressão - ***“é proibido proibir”*** -, aqui no Brasil, era dado o mais duro golpe que um povo poderia sofrer; a destituição do direito de poder lutar para ter direitos garantidos! Trazer à cena esses movimentos é um modo de colocar no centro do debate político as questões cotidianas que atravessam as instituições, confirmando as Teses Históricas de Walter Benjamin para quem o passado não é algo concluído. O retorno ao passado é revolucionário na medida que abre caminhos para nos libertar dos grilhões do presente.

No que se refere à Educação, compreendê-los como alegorias, imagens dialéticas entre passado, presente e futuro, tal qual Benjamin nos convida a pensar,

quais caminhos desejamos seguir para alcançar aquilo que chamamos de inclusão. Caminhos que se contraponham aos cartéis econômicos que desejam privatizar a Educação pública com o apoio de organismos do Estado, cujos tentáculos se estendem para outros setores sociais, privatizando o espaço público.

Se ora trazemos o passado à memória, é porque acreditamos que ele nos ajuda a criar outros enfrentamentos para as ameaças tecnocráticas que estão a serviço do capital e de uma cultura tecnológica distante da alteridade, uma cultura que enxerga apenas os cruzamentos de algoritmos. As questões aqui postas, dizem respeito a formas de criação e recriação de modos instituintes para pensar sentidos desterritorializados para palavras como **inclusão, tecnologia, inovação e interculturalidade**.

Quando terminamos de organizar o volume, percebemos que os autores propuseram a criação de fendas, brechas de luzes que permitem vislumbrar, mesmo em tempos tenebrosos, que há potenciais transformadores. Faróis que podem nos ajudar como guias para um mundo em que ser diferente é inerente a vida, as nossas maneiras de existir e de nos recriarmos como humanidade.

Desta vez a **sessão autores convidados**, cuja organização contou com a participação das professoras Dr<sup>a</sup> Mariana Lima Vilela e Dr<sup>a</sup> Andrea Serpa, abriu espaço para a multiplicidade de pensamentos que se articularam em dois eixos de discussão: “A escola como espaço de formação docente” e “Educação e formação em diversas dimensões institucionais e culturais”. Os quatro artigos são desdobramentos da interlocução construída, em 2019, no contexto do componente curricular Pesquisa e Prática Educativa I (PPE I), do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFF. Período em que foram realizados encontros sobre experiências pedagógicas onde se inaugurou uma imersão direta de graduandas e graduandos no campo de atuação profissional, buscando articular o estágio em sua dimensão integradora, a fim de mobilizar a discussão sobre questões pertinentes ao processo formativo. Nos textos são apresentadas as contribuições e abordagens trazidas pelos autores e autoras que expressam elementos fundamentais tecidos de práxis educativa, nas dimensões da formação humana, do sensível e dos afetos. Vozes que tornam audíveis aspectos intrínsecos ao papel do educador.

A seguir apresentamos aspectos dos percursos escolhidos pelos autores e autoras convidados que se lançaram no mar de reflexões, enredados por práticas que rompem com o estabelecido. Nos “Contextos de Formação Docente, Práticas Pedagógicas Cotidianas e Infâncias: um convite à coletividade”, *Perseu Silva* traz as narrativas do seu processo de formação para construir uma conversa na qual a educação democrática é reconhecida como prática necessária para a ruptura das estruturas de poder que nas escolas se reproduzem.

Ao assumir-se professora, *Mônica dos Santos Toledo* discute a formação de professores em diálogo com os princípios teóricos-metodológicos da *biografia narrativa*. Ela pensa sobre os processos investigativos e colaborativos de formação, considerando a relação entre universidade e escola básica. Em “Arte Humana - Humana Arte” *Schirley P. França* nos conta sobre os percursos de uma brincante que, atuando

na Trupe Familiar Carroça de Mamulengos, percorre a multidiversidade de aprendizados, vivenciados nas itinerâncias do grupo pelo Brasil. *Patrícia Braga do Desterro* vai se situar entre os limiares e fronteiras do fazer pedagógico em museus para pensar tais espaços numa perspectiva de formação do(a) pedagogo(a) para além das fronteiras da escola.

Atendendo ao convite para pensar o tema proposto por nosso *dossiê* temos oito artigos que entrelaçam culturas pré-hispânicas, o momento de pandemia, as tecnologias e a acessibilidade em um mundo excludente.

*Olga Martinez Archundia, Nicanor Rebolledo Recendiz e Glória Ornelas Tavares* analisam um ritual de origem pré-hispânica, que constrói a identidade cultural de uma comunidade através de estratégias de convivência social, fornecendo modelos de vida ecologicamente amigáveis, além de valores essenciais na formação das pessoas e, portanto, Educa. *Alicia Fernanda Sagüés Silva*, também aceitou nossa convocação e nos estimula a pensar como os conteúdos estudados na Universidade são produzidos sem dialogar com os conhecimentos oriundos dos Povos Originários, embora representantes desses grupos frequentem os espaços acadêmicos, principalmente na forma de alunos incluídos por propostas progressistas.

A inovação pedagógica na docência universitária e o ensino remoto emergencial como um processo educativo de tensionamento, desequilíbrio, conflito e ruptura com as formas existentes de exclusão e homogeneização cultural, foi o percurso escolhido pelas professoras *Adriana Campani, Navilta Veras do Nascimento e Rejane Maria Gomes da Silva*, para atenderem ao chamado do *dossiê*. Por um caminho muito próximo do anterior, *Sandra Cristina Morais de Souza* procurou problematizar a transição do ensino presencial para o ensino remoto à distância em meio ao COVID-19.

*Izane Flexa e Carolline Septimio* Limeira atenderam ao nosso chamado partindo do tema sobre o acesso e permanência de estudantes com deficiência no ensino superior. Transitando por vias muito próximas, *Cristiana de Barcellos Passinato* optou por discutir os possíveis embates ocorridos e soluções geradas para o ingresso e permanência de surdos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Na luta pela inclusão de pessoas com deficiência na escola, as professoras *Claudia Pimentel, Keissy Sibelly Morais Limite e Vivian Buenaga* destacam a importância da construção de materiais didáticos que favoreçam a experiência visual das crianças surdas e o turismo acessível em Porto Alegre, mediado por material informativo em comunicação aumentativa e alternativa, foi a proposta inovadora que *Jeruza Santos Nobre, Kamila Lemes Soares e Eduardo Cardoso*, apresentaram, com vistas a promover o acesso a diferentes públicos viajantes.

“Há tempos, Carlos Skliar vem se dedicando às questões da inclusão, da alteridade, da mesmidade, do outro”, foi por isso que *Simone Maia Guerra* se propôs a discutir algumas ideias do autor como “um convite àqueles que, de alguma forma, sentem-se afetados pela inclusão”. Finalizamos nosso *dossiê* com o texto de *Tatiane Oliveira Santos Pereira Abreu*, que realizou uma pesquisa sobre a (in) visibilidade das

pessoas com deficiência, expondo os principais documentos que regem a educação especial no Brasil.

Dando prosseguimento aos percursos desse número, chegamos à sessão **Experiências Instituintes**, na qual o artigo Escola-Universidade: narrativas, fazeres docentes aproxima Universidade, Escola e Professor – Por Formações Horizontais, de *Jonathan Aguiar*, apresenta sua percepção de como os professores formadores compartilham suas experiências, reflexões e teorizações sobre alfabetização, no polo de Itaperuna/RJ, em aproximação com a universidade. Por sua vez, *Bruno Muniz Figueiredo Costa*, cartografa vivências escolares em diálogos com as crianças para dar forma a uma geografia escolar com as crianças.

O texto que faz a passagem para a sessão **Pulsações e Questões Contemporâneas** nos instiga a pensar, com as reflexões de *Ligia Scarpa Bensadon* sobre o diálogo social no processo de implantação do Campus IFRJ-Niterói. Chegamos ao texto que debate sobre a formação de educadores para a alfabetização de Jovens e Adultos, em um projeto de extensão experienciado por *Jaqueline Luzia da Silva*. Para encerrar, *Carolina Dutra e Marina Sodré*, tecem considerações psicanalíticas sobre o Projeto de Lei Escola sem Partido, a partir de uma leitura lacaniana.

Fechamos esse número nos solidarizando com aqueles que perderam parentes e entes queridos, para a Pandemia do vírus Sars Cov 2, lamentando que muitas dessas perdas poderiam ter sido evitadas não fosse as orientações descontraídas, conflitivas e até de descaso de políticos e gestores governamentais que se negaram a ouvir as vozes da Ciência para o controle sanitário e atendimento à saúde.

Nos despedimos com nossa homenagem póstuma produzida pelas vozes, escritas e imagens de ex-alunos do professor Jorge Najjar, perda irreparável para a Faculdade de Educação da UFF, e também para a sociedade. Mas com a certeza de que ele estará sempre presente em nossas memórias, como alguém que soube tão bem realizar a tarefa de Ser Mais... Ser Professor.